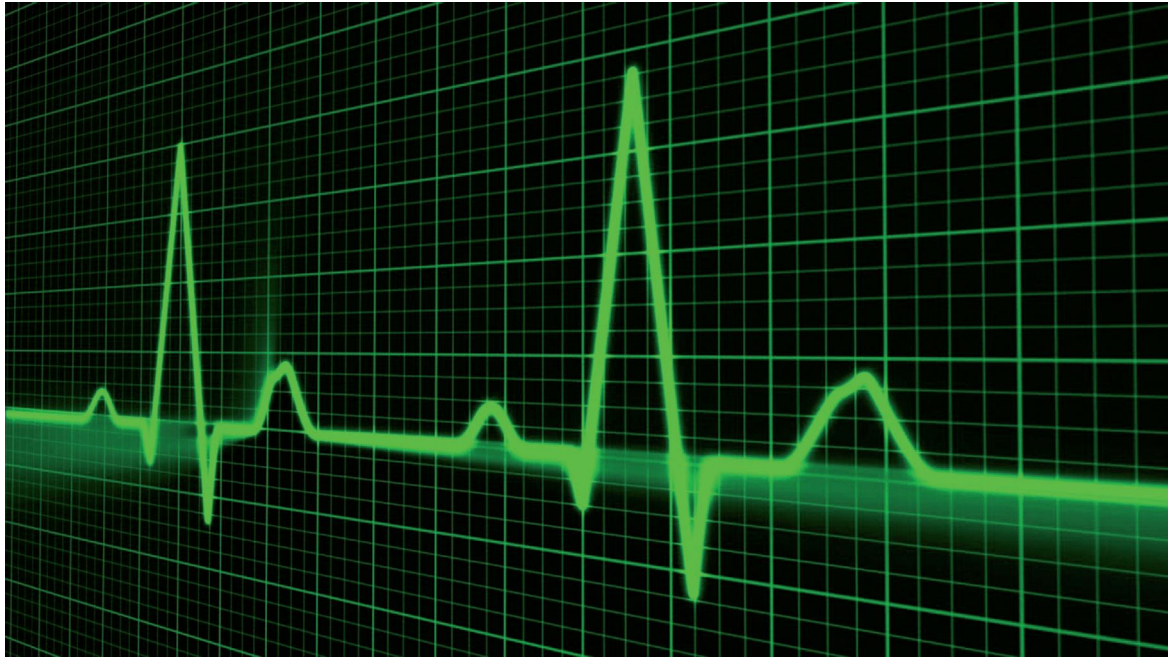


# Dor no peito

José Hugo de Lins Pessoa



Disponível em: <https://pixabay.com/pt/illustrations/rastreamento-de-pulso-163708/>

Na quinta-feira, no meio tarde, em pleno trabalho, comecei a me sentir mal. Dor no peito. Nunca tinha deixado de trabalhar por causa de doença, fui direto para o hospital. Ao adoecer, todo homem percebe com clareza o significado da chamada "vulnerabilidade da vida". A dor de ser humano. Nesse momento, ele se defronta com suas limitações. A maioria de nós vive uma vida padrão e não percebe o significado real dos dias da existência até que eles sejam ameaçados. Como ensina o mito platônico da caverna, vemos sombras, e sombras não são as coisas reais. Vivemos correndo, buscando algo que nem sabemos bem o que é. Demoramos a descobrir os mistérios da vida.

Dizem, não sei se é verdade, que na hora da morte a nossa vida passa como um filme de trás para a frente. Durante a angioplastia não percebi as duas paradas. Durante o procedimento pensei que algumas vezes ultrapassei a fronteira do bom senso em decisões importantes e escolhi opções equivocadas. Depois, na unidade intensiva, muitas reflexões. Há algo de misterioso na maneira como o mundo funciona. A vida não exige que o homem seja original. É a forma pela qual aceitamos as nossas experiências e os nossos conceitos de valor que nos torna homens singulares. O homem não pode fugir das suas responsabilidades sem fugir de si mesmo.

Nossas decisões na vida são tomadas em circunstâncias de momento. Avaliá-las posteriormente com outros dados, inclusive com outro amadurecimento, é, no mínimo, complicado. Como falou Ortega y Gasset: "O homem é o homem e suas circunstâncias". A vida é um imenso laboratório, são muitas as experiências. Cada dia somos sobreviventes do dia anterior. Desde que nascemos começamos a gastar nossos dias, que não voltam. Depois de algumas décadas de vida, procure a casa onde você nasceu; vários parentes lhe indicarão o caminho. Você o percorrerá, mas não chegará à casa que procura. Encontrará, talvez, uma casa muito parecida, mas a da sua exata memória terá se evaporado. Mesmo que reconheça alguns cômodos, faltará a vida que existiu ali. Os tempos vividos escorrem pelos dedos da mão e tornam-se nossa memória, nossa história pessoal. As coisas singelas da vida são as mais preciosas. Quando saí do hospital com a minha família, havia um imenso sol brilhando e um enorme caminho a percorrer. Lembrei da conclusão de Fukuyama: "O fim da história só acontece com o fim do homem".

**José Hugo de Lins Pessoa**

Médico pediatra. Membro da Academia de Medicina de São Paulo. Membro da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores.